

Cardoso defende maior integração luso-brasileira

A seguir, transcrevemos o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso proferido no Palácio da Ajuda:

Depois de ouvir as palavras tão profundas do presidente Mário Soares, eu vou me permitir responder de improviso, eu posso falar mais diretamente pelo coração. Para que eu possa, ao agradecer essas gentile-

zas reiteradas, também manifestar a minha gratidão pessoal, a da Ruth, a dos brasileiros, os que me acompanham e os que estão no Brasil, por tudo que tem significado esse relacionamento entre Brasil e Portugal. Relacionamento paterno de sangue, de cultura e uma vontade que, muitas vezes, se une para, em conjunto, podermos sonhar com dias melhores para os nossos povos, como foi o ca-

so, nos períodos mais difíceis, em que tínhamos de lutar pelo restabelecimento da liberdade e pela democracia.

Hoje, ao chegar aqui em Lisboa e ao depositar uma coroa de flores em homenagem a Camões, em que o convidado visitante deve defrontar-se com a tumba de Camões e tem alguns minutos para pensar sobre o significado de sua visita, e ao saber que atrás está Vas-

co da Gama, e depois, ao percorrer com Mário, dona Maria, com todos os companheiros de delegação e os portugueses que nos acompanhavam, os Jerônimos, e ao ouvir as explicações, ao me recordar de há tantas décadas que... os Jerônimos, e ao ver ali aquela presença tão forte de Portugal. Ao ver que, quando se explica que quem sabe tenha algo que vem ainda da idade média, é

gótico, que de repente não renascentista, mas que talvez seja já um... barroco ou maneirismo, e que no fundo não é nada disso que é português, é manuelino.

E ao ver que os portugueses e os arquitetos que ousaram fazer aquela obra não tiveram o receio de colocar-se, frente a frente, com Deus, e colocar seus nomes, suas imagens como que a demonstrar um espírito forte, que é capaz de receber a incumbência de criar algo novo quando para o seu povo, e o cria e ao saber que em vinte anos se... os Jerônimos e que aqueles que lavaram a pedra, assinavam o nome para marcar ali de novo a sua vontade dá para perceber porque Portugal tem uma contribuição tão grande para... universal, em vontade.

Uma vontade que, se contraposta a outras formas de vontade, pode parecer que não é tão ordenada. Eu me recordo sempre do meu querido Sérgio Buarque de Holanda, o... quando compara a colonização portuguesa com a colonização espanhola. Ao descrever as cidades, que as cidades portuguesas nossas, do Brasil, elas sobem preguiçosamente pelas encostas e não têm aquela vontade linear da cidade espanhola que tinha um plano pre determinado e deles não se afastava. A cidade portuguesa cria... imagina, faz outra coisa. E alguma vez ao cruzar aqui a fronteira e entrar em... saindo de Portugal, eu vi muito claro isso. Basta entrar em... que se vê imediatamente que, ali, a vontade é uma vontade predeterminada e vem de cima, não se sabe de quem. A nossa vontade, portuguesa e brasileira, talvez não se saiba de quem, porque é de muitos, sempre tem uma criatividade própria e nova. Não tem regra, ou melhor, refaz a regra a cada instante.

Ao ver tudo isso, e ao depois ouvir generosidade de Mário Soares ao me dar uma comenda, um colar, um grau mais alto na Ordem da Liberdade, eu dizer o porque... Isso me tocou muito. Ao ouvi-lo, naquele momento, e ao vê-lo eu vi Portugal inteiro ali. V Portugal inteiro nele, no presidente de Portugal. Símbolo. É concreto, é uma pessoa, tem suas virtudes que nós conhecemos bem, que nós admiramos, que nós convivemos com gosto. Mas vai além disso. Expressa mais do que isso. É a encarnação hoje da nação, como tem que ser para quem é presidente da República, vai além, de, simplesmente, representar o papel, mas que re-

presenta. Apresenta alguma coisa que é muito dele, que é muito própria e, ao ser própria, é de todos.

Hoje, aqui, ao ser apresentado um por um, aos convidados, eu notava que o Mário descrevia cada um, dizia quem era, que fazia alguns... que eu já conheço de muitos anos. Enfim, com emoção, com satisfação, outros não, mas um por um ao apresentá-los, ao descrever, ao dizer o que fazem, um pouco da história de cada eu vi outra característica que é portuguesa e da qual, quem sabe, sejamos herdeiros.

Vivemos hoje um renascimento marcado pela capacidade de circular mais informações

Aqui há um... imenso, humano e político de histórias, estamos juntos. Estivemos separados no passado, como no Brasil. Hoje, ninguém percebe porque fomos capazes de reconstruir, fomos capazes de encontrar outra vez essa mesma força que plasma de novo e se cria, mesmo com histórias que podem ser divisivas, que podem ser antigas, mas se eu busco um horizonte de compreensão, Portugal tem tolerância".

"A tolerância é uma virtude, é uma virtude da democracia. Quando eu ouvi as palavras do Mário Soares, lamentando como eu lamento, que mesmo na Europa nós tenhamos que assistir à antiga Iugoslávia ser hoje dilacerada, nós prezamos cada vez mais essa nossa capacidade que, a despeito de diferenças, somos capazes, de num dado momento parar, depois refletir, depois seguir juntos de novo o quanto seria possível. Isso é muito importante. Talvez seja a virtude essencial que falta àqueles que, no mundo de hoje, têm tudo, menos a capacidade de ver o outro. Foi o que o Mário Soares disse há pouco, essa diversidade, capacidade que é antropológica de ver o outro, entender com o olhar, que olhar o outro, que não é a mesma coisa, é diferente, mas ser diferente não implica estar distante, pode implicar uma empatia.

Essas virtudes portuguesas em parte são nossas porque nós devemos muito a Portugal por termos podido herdar alguma coisa desse espírito. Não conseguimos herdar tudo. Não conseguimos fazer como os portugueses fizeram no Século XVI, que perceberam que recriar mundos, que o horizonte já era

amplo, e aqui... e marcaram por toda parte.

Hoje, eu creio, nós vivemos, ao mesmo tempo, o terror, a violência, o pavor que todos nós temos pela violência, e que a política, às vezes não é nem política, é infra-política, mas assusta. Mas nós temos também um outro mundo que se delineia. Eu creio que nós veremos hoje uma nova possibilidade de renascimento. Isto me vem à mente, outra vez, por causa do Mário Soares. Só no Renascimento foi possível fazer pessoas assim. Só quando há um horizonte mais amplo, uma força maior do que aquela que encerra as pessoas numa cultura muito limitada, é possível ter gente capaz da generosidade e da grandeza.

Eu acho que nós vivemos hoje um mundo que é de renascimento. É o renascimento que nos é ainda estranho porque ele vem, às vezes, um pouco selvagem. Ele vem, às vezes, até mesmo pela forma da violência. Mas, sobretudo, ele vem pela capacidade da nossa civilização contemporânea de circular com mais rapidez informações, com muito mais rapidez de informações. Isso mudou tudo. E a possibilidade que nós hoje temos de, tendo informação, atuar, e se nós temos essa possibilidade hoje, quando nós não atuamos, nós somos eticamente culpados por muita coisa.

Devemos muito a Portugal por termos herdado alguma coisa desse espírito

Agora, a Europa se reconstrói na base da unidade, da união econômica. Nós, o Brasil, lutamos para constituir um outro pólo regional com a Argentina, o Uruguai, o Paraguai. Os Estados Unidos nos desafiam positivamente a que nós nos entregamos também na direção norte e sul no mesmo Hemisfério. Estamos buscando o diálogo. Estamos mantendo diálogo com a União Européia. Estamos buscando e há condições de um diálogo mais amplo. Isso tudo é certo. Isso tudo permite imaginar um mundo que, se eu posso comparar com o mundo do século XVI, são mais barreiras locais que vão limitar a capacidade humana de realizar um grande projeto.

Começamos, hoje, a ter condições de organizar espaços econômicos mais amplos e, nesses espaços econômicos, a presença do Brasil num lado,

num dos pólos desse espaço é Portugal, noutro desses pólos, é muito importante.

É muito importante. Quem sabe se a nossa contribuição possa até embasada nessa tradição cultural comum, possa ser... agregada a este mundo novo, ao mundo da informação, ao mundo da tecnologia, ao mundo das imensas possibilidades. Essa dimensão eu diria que, por um lado, é ética e, por outro lado, é prática. Ética no sentido de que ao saber que hoje já se pode tudo, ou quase tudo, é possível mais ser clemente com a existência de misérias, pobreza ou de violência.

E, por outro lado, em prática porque nossa cultura lusitana, luso-americana, nós nunca nos deixamos embalar somente por dogmas. Nós sempre procuramos ter princípios, sentir profundamente a corda do coração e da razão, tocada pela fibra ética, pela existência de alguma coisa que nos mova para além do cotidiano. Mas nós sempre tivemos também o espírito prático de saber que é preciso construir o caminho e que não adianta repetir o dogma, o dogma, em si mesmo, pode até paralisar se a ele não se juntar uma vontade mais simples, mais prática, de sentido comum.

Essa dimensão que em nossa luso-brasileira, luso-americana, que será também comum aos povos da cultura lusitana, aos povos que falam português, eu creio que é uma dimensão que nós não podemos perder neste momento que é de encontro entre blocos regionais.

Por certo essa fibra ética não vai impedir a fibra ótica dos nossos acordos que estamos fazendo entre Portugal e Brasil, de fazer que haja hoje, como faremos, meios de comunicação mais rápidos. Mas elas virão juntas e essa dimensão muito específica deste mundo que o português criou em algo que nós não podemos perder, que nós não vamos perder.

Eu agradeço de todo coração esse encontro, essa beleza deste palácio, mas, sobretudo, esse espírito de tanta gente tão diferenciada, tão unida no fundo, por alguma coisa que eu acho que nós próprios não percebemos no dia-a-dia. Mas que é muito fundo em nós e que foi construída em séculos de história. E essa história começou aqui, aqui em Portugal.

Ergo meu copo, minha taça ao Mário, a dona Maria, a todos os portugueses, a todos aqueles que estão aqui e sobretudo à continuidade das nossas amizade e prosperidade.